

Cartografia de Línguas Indígenas do Amapá: levantamento preliminar das fontes de estudo e pesquisa

Amapá Indigenous Languages Cartography:
preliminary survey of study and research sources

Uisillei Uillem Costa Rodrigues

Universidade Federal do Pará¹

RESUMO. O conceito de cartografia tem evoluído nas últimas décadas e corresponde a um conjunto de operações e estudos científicos que podem ser representados por mapas (Associação Cartográfica Internacional, 1966), contudo a cartografia pode ser utilizada nas mais diversas áreas. Nessa pesquisa, utiliza-se desse conceito para fazer referência a um conjunto de estudos existentes em uma determinada área: a Linguística. Assim sendo, o escopo deste estudo é de reunir referências e bibliografias sobre línguas indígenas do Estado do Amapá produzidas, preferencialmente, no último século e, excepcionalmente, no início da década do século XXI, a fim de e posteriormente, disponibilizá-las online. Nota-se que a dispersão dos materiais sobre línguas indígenas faladas ou consideradas extintas no Amapá são em primeira instância um limitador às pesquisas relativas a esse tema na região. Este trabalho é de caráter documental e se dá por meio de visitas técnicas a instituições, coleta de dados por meio de sites e nos principais bancos de informações. A partir desses dados, foi possível reunir mais de 120 referências, de diversas áreas e autores. Das produções coletadas há nomes já conhecidos dos estudiosos de línguas indígenas, tais como, Arnaud (1969, 1970, 1975, 1980), Nimuendajú (1926), Gallois e Grupioni (2003), Gallois (1986, 1988, 1994, 2001, 2002, 2005), Green (1977, 1994, 1979) Grenand (1977, 1980, 1987, 1988, 1992, 1998), Vidal (1996, 2000, 2001), e outros. Por fim, compreendemos que esta pesquisa não é um construto completo e definitivo. E por esse motivo, apresenta fragilidades acerca de sua constante construção, porém, se apresenta como uma iniciativa inovadora para as pesquisas sobre línguas indígenas do Estado do Amapá.

Palavras-chave: Cartografia Linguística. Línguas Indígenas do Amapá. Estudos de Línguas Indígenas.

Abstract: The concept of cartography has evolved in recent decades and corresponds to a set of scientific operations and studies that can be represented by maps (International Cartographic Association, 1966), however cartography can be used in the most several areas. In this research, this concept is used to refer to a set of existing studies in a given area: Linguistics. Therefore, the scope of this study is to gather references and bibliographies on indigenous languages of the State of Amapá produced, preferably, in the last century and, exceptionally, at the beginning of the 21st century, in order to and later, make them available online. It is noted that the dispersion of materials on indigenous languages spoken or considered extinct in Amapá are in the first instance a limiting to research on this topic in the region. This work is documentary and takes place through technical visits to institutions, data collection through websites and major information banks. From these data, it was possible to gather more than 120 references from various areas and authors. From the productions collected there are already known names of indigenous language scholars, such as Arnaud (1969, 1970, 1975, 1980), Nimuendajú (1926), Gallois and Grupioni (2003), Gallois (1986, 1988, 1994, 2001, 2002, 2005), Green (1977, 1994, 1979)

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor de Educação Básica e Tecnologia na Prefeitura Municipal de Macapá/AP. Professor de Atendimento Educacional Especializado no Serviço social da Indústria-SESI, do Departamento Regional do Amapá.

Grenand (1977, 1980, 1987, 1988, 1992, 1998), Vidal (1996, 2000, 2001), and others. Finally, we understand that this research is not a complete and definitive construct. And for this reason, it presents weaknesses about its constant construction, however, presents itself as an innovative initiative for research on indigenous languages of the State of Amapá.

Keywords: Linguistic Cartography. Amapá Indigenous Languages. Indigenous Language Studies

1. O caminho que nos trouxe a esta pesquisa

Em nossa empreitada com os estudos linguísticos foi possível constatar que as produções que tratam de questões linguísticas dos povos indígenas da região do Amapá estão bastante dispersas e, embora existam, em muitos casos, para o pesquisador iniciante isso pode ser um expoente limitador da(s) pesquisa(s) que se deseja empreender. Em estudos e pesquisas anteriores empreendidas por Rodrigues (2017a, 2017b e 2017c) sobre as populações indígenas do Amapá, nos fica evidente que não é só no campo da Linguística esse acentuado espalhamento das fontes sobre essas populações indígenas.

Conforme Rodrigues (2017a), as produções científicas e documentais que dão luz aos estudos linguísticos da população indígena do Amapá circulam em um ambiente restrito e periférico e, por isso, um pesquisador de outra área, que tenha interesse em estudar os fenômenos da Linguística entre essas populações, encontrará nessa dispersão das fontes uma expoente dificuldade para a elaboração de debates mais consistentes e inovadores.

Mesmo para estudiosos da Linguística a dispersão das fontes podem incidir em fragilidades nas pesquisas a que esses se dedicam. Diante desta constatação, quando iniciamos o trabalho com línguas indígenas do Amapá percebemos que não havia nenhum material que nos sugerissem leituras específicas nessa área, sendo assim, ao passo que íamos nos apropriando dos materiais de pesquisa e estudo elaboramos um banco pessoal de dados.

As fontes documentais e bibliográficas levantadas para outras pesquisas as quais nos dedicamos foram encontradas em bancos de dados de museus, entidades governamentais e universidades nacionais e internacionais. Por conta disso, aplicamos os mesmos critérios às referências que estão sendo levantadas, para serem postas no inventário e na catalogação da pesquisa a qual este texto cita, algumas das produções datam desde o início da etnologia no Brasil, ainda no século XVII. No entanto, para o estudo que deu origem a essa pesquisa, definimos inicialmente um período cronológico para delimitar quais obras seriam elencadas, optamos, então, por restringir nossas buscas por materiais produzidos no século XX.

O estudo aqui mencionado é resultante do projeto, iniciado em 2017, intitulado como “Fontes de Estudo e Pesquisa em Línguas Indígenas do Amapá: produção do último século” que, em seu escopo, buscou reunir referências bibliográficas e documentais sobre as línguas dos povos indígenas da região do Oiapoque, no Amapá (RODRIGUES, 2017a). Há uma diversidade de estudiosos que compõe as referências sugeridas para o estudo das línguas indígenas dos povos da referida região.

As pesquisas e documentos coletados para a elaboração do inventário considerou produções que tivessem alguma utilidade para o estudo de qualquer aspecto das línguas faladas pelos povos indígenas do Oiapoque. Dessa maneira, nesse levantamento encontram-se trabalhos que foram



produzidos por pesquisadores de áreas distintas e que não estão voltados, necessariamente, para os fenômenos linguísticos dos povos indígenas do Amapá.

Assim sendo, a catalogação das produções conta com trabalhos dos mais diversos especialistas, entre eles podemos mencionar: linguistas, antropólogos, educadores, missionários e etnólogos. Essa diversidade de especialistas incide, também, na diversidade de produções, por isso, não raro, encontram-se entre as fontes elencadas, materiais didáticos ou instrucionais, relatórios e qualquer outro documento que apresente informações acerca das línguas das etnias Palikur, Karipuna, Galibi-Marworno ou Galibi do Oiapoque.

As fontes das produções por nós reunidas para catalogação encontram-se, em sua maioria, disponíveis publicamente e estão no formato de teses, dissertações, livros, artigos, relatórios de expedições, documentos oficiais ou outras produções acadêmicas. Há produções que são encontradas apenas em plataformas digitais e outras somente em arquivo físico. Existem também produções que somente conseguimos contactando seus autores.

Neste construto, intencionamos apresentar os procedimentos adotados para a coleta, classificação, seleção e organização dos materiais, ou melhor, das fontes de estudo e pesquisa de línguas indígenas do Amapá, pois consideramos que esse esforço permite aos futuros pesquisadores dos fenômenos linguísticos das populações indígenas da região do Oiapoque encontrar de forma facilitada referências para suas pesquisas.

2. O levantamento sobre povos indígenas da fronteira: sobre quem estamos falando?

O levantamento e organização das fontes de estudo e pesquisa considerou documentos relativos aos atuais povos indígenas que estão localizados na região de fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. No entanto, fortuitamente em nossas buscas, encontramos produções que, para abordar a realidade dos povos indígenas do lado francês da fronteira, relatam, ocasionalmente, aspectos relativos às as populações indígenas do Amapá

A região de fronteira a que fazemos referência está localizada em Oiapoque, Amapá, no Brasil. Essa área abriga povos indígenas que se situam nas proximidades de toda extensão do rio Oiapoque e rios adjacentes. Essas populações indígenas têm uma configuração heterogênea e possuem um histórico de contato bastante diversificado e conflituoso, decorrente dos inúmeros processos migratórios, em diferentes períodos da história e com motivações específicas (GALLOIS; GRUPIONI, 2003).

Segundo Gallois & Grupioni (2003), a formação de cada grupo étnico é marcada pela heterogeneidade entre índios e não-índios. A inhomogeneidade dos povos indígenas do Amapá, mencionada por estes intelectuais, é resultante também da aglutinação, ou melhor, “mistura” entre os diversos povos ameríndios que se situavam nessa região. Até início do século XX, pouco se tinha registrado dos processos históricos e antropológicos da região e dessas populações. Foi Curt Nimuendajú um dos primeiros e principais etnólogos que estudaram, no século XX, os povos ameríndios do Amapá, sua obra² nos traz inúmeros esclarecimentos acerca da constituição da população e nos ajuda a compreender os processos históricos vivenciados por estes povos (RODRIGUES, 2017a).

² Nimuendajú (1926).





As atuais populações indígenas da área de fronteira, em Oiapoque, no Amapá, atendem pelos seguintes etnônimos: Palikur, Karipuna, Galibi do Oiapoque, Galibi-Marworno. Historicamente, essas populações são conhecidas por diversos nomes, decorrente das variadas maneiras que foram grafados pelos pesquisadores que empreenderam viagens pela região.

De acordo com Gallois & Grupioni (2003), entre os diversos nomes grafados de inúmeras maneiras estão, por exemplo, os registros dos Palikur que durante séculos foram designados por diferentes etnônimos, o que resulta em um extenso debate sobre qual seria sua designação. Esses autores afirmam que estes indígenas utilizavam este etnônimo para estabelecer relações com índios e não-índios, alegam também que a autodesignação seria *Parikwene*. Os Palikur se localizam em ambos os lados da fronteira Brasil/Guiana Francesa. No lado brasileiro se distribuem em dez aldeias no entorno do rio Urukauá, afluente do rio Uaçá.

Outro povo que se localiza em Oiapoque, no Amapá, são os Karipuna que têm uma constituição marcada pela mistura entre índios e não-índios que se estabeleceram na região do rio Curupi. É possível que estes indígenas já se autodenominassem, desde o século XVII, pelo etnônimo que os designa na atualidade. Os Karipuna estão situados predominantemente em quatro aldeias maiores e principais, mas há treze pequenas localidades que mantem relações com as aldeias principais.

Há também, na região de fronteira, os Galibi do Oiapoque que são descendentes de povos oriundos da área litorânea da Guiana Francesa e que do lado brasileiro durante o processo migratório, já na década de 1950, foram se estabelecendo no baixo do Rio Oiapoque. Do lado francês esse povo se define como *Kali'na* ou *Galibi*. Atualmente, se localizam na aldeia de São José na margem direita do Rio Oiapoque, na Terra Indígena Galibi.

Convivem na região de Oiapoque com os demais povos, os Galibi-Marworno que adotaram esse etnônimo, na década de 1980, após intervenção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI)³. Apesar de receberem a denominação de Galibi esse povo pouco se identifica com os Galibi do Oiapoque, por isso a designação “Marworno” tem o intuito de diferenciá-los. Os Galibi-Marworno se autodesignavam como “gente do Uaçá”, por causa da localização de sua população às margens do rio Uaçá. Por sua vez, essa população ameríndia reconhece sua origem miscigenada⁴(GALLOIS; GRUPIONI, 2003).

Outro povo que está na região do Oiapoque são os Wajãpi. É possível localizar nos registros históricos que este povo, quando localizado na região do baixo rio Xingu foram denominados como Guaiapi (GALLOIS, 1997). Muitos estudiosos que passaram pela região grafaram seus nomes de diversas maneiras tais como Wajãpi, Wayapi, Oiampi. Esse povo está, em sua maioria, em território brasileiro, em uma área delimitada pelas bacias dos rios Oiapoque, Jari e Araguari e se distribuem de 90 pequenas aldeias situadas na Terra Indígena Waiãpi (GALLOIS, 1997).

Apesar de haver desde o século XVII registros sobre as populações indígenas do Amapá, foi no século XX que houve maior fluxo de pesquisadores empreendendo viagens a essa região, a fim de registrar a vida e os costumes desses povos. Conseqüentemente, essa atitude influenciou o quantitativo de produções escriturais sobre esses indígenas. O aumento desse quantitativo, por sua

³ É importante mencionar que o termo “Galibi” foi adotado pós intervenção do SPI e “Marworno” após CIMI, com o intuito de diferenciarem-se dos Galibi do Oiapoque.

⁴ Incluindo povos descendentes dos Galibi, Caribe, Aruaque, Maruane e Aruã (GALLOIS; GRUPIONI, 2003).





vez, não garantiu a essas produções maior visibilidade, por isso, os pesquisadores da atualidade quando intentam estudar as populações dessa região deparam-se com a dispersão e desconhecimento dessas fontes.

3. O interesse principal da pesquisa.

As constatações sobre a dispersão dos materiais e produções acerca dos fenômenos, principalmente linguísticos, das populações indígenas do Amapá foram nosso principal motivador para a elaboração do levantamento e catalogação das fontes. Assim, o interesse dessa catalogação é facilitar e permitir o acesso facilitado aos pesquisadores que desejem estudar os diversos fenômenos que envolvem os povos dessa região.

Muitas pesquisas embora não tenham interesse nos mesmos fenômenos, sujeitos, objetos e áreas precisam iniciar por uma importante etapa comum: o levantamento das produções que aborde(m) o(s) fenômeno(s) do que se deseja estudar. Essa etapa, para autores como Gamboa (2003), Gil(2002), Pizzanni *et al* (2012), Trivinos (1987) e Lima & Mioto (2007), é denominada de levantamento bibliográfico e permite a consolidação do que se chama nos meios acadêmicos do “estado da arte”.

No que tange aos estudos sobre as populações indígenas do estado do Amapá, fazer este tipo de levantamento não se mostra como uma tarefa fácil, pois as produções científicas que estudam os sujeitos indígenas do Amapá, suas línguas, culturas, e processos diversos são de difícil localização. Isso se deve tanto pela dificuldade em acessar os conteúdos que estão dispostos, quanto pelo registro e título dado aos trabalhos existentes que, às vezes, divergem da atual nomenclatura adotada pelos pesquisadores que à época dos estudos usaram uma terminologia que na atualidade não mais se aplica aquela população. Os Galibi-Marworno, por exemplo, são um dos povos que foram nomeados de diversas maneiras pelos seus pesquisadores, dentre as denominações por eles usadas temos as seguintes: “mum Uaçá”, “galibi do Uaçá” “Uaçauara”. Essas nomeações induzem ao pesquisador a dispensar a busca por estes termos e focalizar o levantamento somente utilizando o atual etnônimo.

Ao dispensar as terminologias, pela relativa “inocência” ou pouca familiaridade com as nomenclaturas dos povos a serem estudados, o pesquisador limita sua própria pesquisa a respeito das populações indígenas da fronteira do Amapá. Considerando as dificuldades em que se pode esbarrar para realizar pesquisas sobre línguas indígenas no Amapá, por conta da dispersão desses materiais, como já dito, ao efetuar a catalogação das obras acreditamos que ajudaremos a expansão de estudos nessa área e possibilitar-se-á consulta facilitada a essas referências.

Encontram-se em Rodrigues (2017a) um quantitativo de produções de formato diverso que foram levantadas e abordam em seus conteúdos aspectos históricos, linguísticos, culturais e educacionais das populações indígenas anteriormente citadas. Apesar da diversidade das áreas de estudo, as obras levantadas tem a finalidade de contribuir para com os estudos linguísticos dessa região.

Por sua vez, as conclusões a que chegamos em Rodrigues (2017a), sobre as produções acerca das populações indígenas do Oiapoque, nos permitem inferir que além da dispersão dos materiais, em alguns casos estão “ocultados” seja pela terminologia adotada pelos pesquisadores que empreenderam estudo sobre esses povos ou pela relativa dificuldade de acesso aos dados. Por isso, pretendemos organizar e aglutinar as pesquisas que contribuam para os estudos das línguas indígenas do Amapá, ainda que seja necessário dispor de materiais de outras áreas das ciências.





Portanto, para a materialização do catálogo e da posterior cartografia seguimos alguns importantes e necessários procedimentos para a coleta de informações, sua classificação, organização e disposição. Dessa maneira, objetivou-se com a metodologia empregada facilitar, ao máximo, a busca pelas produções científicas ou documentais que estudam as questões linguísticas das populações indígenas do Amapá.

4. A metodologia empregada

A precariedade de materiais que reúnem referências sobre os estudos linguísticos dos povos indígenas do Amapá motivou este estudo e está circunscrito entre as pesquisas de caráter documental, haja vista que agrupa bibliografias, documentos, manuscritos e referências diversas.

O trabalho de levantamento das obras, por meio de acesso às plataformas digitais, deu-se em *sites* de várias universidades brasileiras (tais como, UNICAMP, USP, UnB, UFPA, MPEG, entre outros) e ainda por meio de visitas técnicas às instituições que possuem ou que acreditávamos possuir algum material pertinente à pesquisa, a saber: Biblioteca Pública Elcy Lacerda, Universidade Federal do Estado do Amapá, Universidade do Estado do Amapá, IEPÉ e etc.

É importante destacar que, nessas instituições “físicas” e ambientes *on-line* de pesquisa, reunimos um número inicial expressivo de obras que possuem alguma correlação com o campo da Linguística, ainda que certas obras e produções apresentadas e reunidas na referida pesquisa não sejam de pesquisadores deste campo de estudo.

As produções coletadas por meio das visitas às instituições e aos *sites* possibilitou a elaboração de uma tabela na qual classificamos as obras com alguns marcadores que facilitariam a localização dentro da própria tabulação. Esses marcadores a que denominamos “itens de categorização” são definidos pelos seguintes: a) nome do autor por ordem alfabética, b) nome da produção por ordem alfabética, c) data de publicação, d) editora, e) idioma, f) área, h) subáreas, i) fonte de origem do material (entidades governamentais, universidades, editoras, grupos de estudo, etc), j) tipo de documento (*on-line*, pdf, word, impresso e outros), k) língua, l) etnia, m) classificação do material (dissertação de mestrado, tese de doutorado, artigo de revista, jornal, apresentação de trabalho, etc.) e n) indicador de proximidade do material (de 1 a 3, assim quanto mais próximo a “1” o nível de proximidade com linguística é maior).

Para a etapa inicial da pesquisa dividimos os procedimentos do seguinte modo:

- *Levantamento das fontes*: o levantamento das fontes consistiu na busca nas plataformas digitais e instituições de referenciais que possuísem relação com as “palavras-chave” que utilizamos. Essas palavras-chave, obviamente, tinham relação com as etnias das populações indígenas. Assim, além de utilizarmos o termo “índios do Amapá”, “indígenas da fronteira do norte Brasil”, “indígenas do cabo norte” adotamos os etnônimos das populações (“Galibi do Oiapoque”, “Palikur”, “Galibi-Marworno”, “Karipuna” e “Wajãpi”) e outras grafias que se aproximassem das palavras-chave.

- *Seleção e classificação das fontes*: essa etapa foi destinada à separação das produções por proximidade com a área da Linguística. Embora houvesse predileção por referências que tivessem relação direta com essa área de estudo, não descartamos produções que mesmo



de modo tímido trouxessem em seu construto aspectos à ela relacionados. Portanto, não raro, é possível encontrar nesse levantamento materiais que não pertencem a área principal.

- *Categorização das fontes:* para garantir uma refinada busca às bibliografias e aos documentos coletados optou-se por utilizar os, anteriormente mencionados, itens de categorização. Nessa etapa, também, pode-se elaborar a organização dos itens para uma localização mais prática.

5. Os resultados parciais

Inicialmente, a pesquisa se detinha ao levantamento e coleta de fontes de estudos e pesquisas em línguas indígenas do Amapá. Por isso, as produções levantadas se concentrariam exclusivamente a referenciais que possibilitassem o estudo das populações indígenas do Amapá à luz da Linguística.

Entretanto, à medida que se efetuava a localização e organização dos dados detectou-se que haviam produções que, embora não tivessem em seus escopos o fenômeno linguístico e fossem de outras áreas, seriam úteis aos pesquisadores da Linguística. Ainda assim é notória a predominância de fontes que abordam explicitamente o fenômeno linguístico em relação a outras áreas de estudo.

Na tentativa de otimizar a localização das produções tabulamo-nas adotando alguns itens de categorização para aplicação de filtros que facilitaríamos as buscas. Dessa forma, como este projeto ainda está em andamento, a tabulação originou um *layout* de caráter bastante primário.

Imagem 1: Exemplo de *layout* para apresentação dos trabalhos levantados

1ª LETRA DO TÍTULO	1ª LETRA NOME AUTOR	DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO PRINCIPAL	AUTOR (ABNT)	EDITORA	IDIOMA	ÁREA	SUBÁREAS	FONTE DO ACERVO	TIPO DE DOCUMENTO:	Nº PAG	LÍNGUA/ ETNIA	CLASSIFICAÇÃO	PROXIMIDADE COM A ÁREA
L	G	2005	Línguas em contato no Oiapoque: as comunidades indígenas karipuna	GUEDES, Waldenise Maria Martins	Universidade Federal do Pará - UFPA	Pt	LINGUISTICA	Sociolinguística ; Bilinguismo ; Língua (Linguística) ; Língua Materna ; Índio ; Educação ; Oiapoque - Ap ; Amapá - Estado ; Etnia ; Amazônia Brasileira ; Karipuna	UFPA	PDF	117f	KARIPUNA	Dissertação (Mestrado)	1
A	M	1999	A estrela do Norte : reserva indígena do Uaupé	MUSOLINO, Alvaro Augusto Neves	-	Português	ETNOLOGIA, ANTHROPOLOGIA	Etnologia , Identidade , Linguagem e cultura , Antropologia	UNICAMP	PDF	242f	INDÍOS DO AMAPÁ	Dissertação (Mestrado)	3
M	D	2011	Modos de escrever : tradição oral, letramento e segunda língua na educação escolar wajãpi	DOS SANTOS, Lilian Abram	-	Português	LINGUISTICA, EDUCAÇÃO	Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilingue	UNICAMP	PDF	207f	WAJãPI	Tese (Doutorado)	2

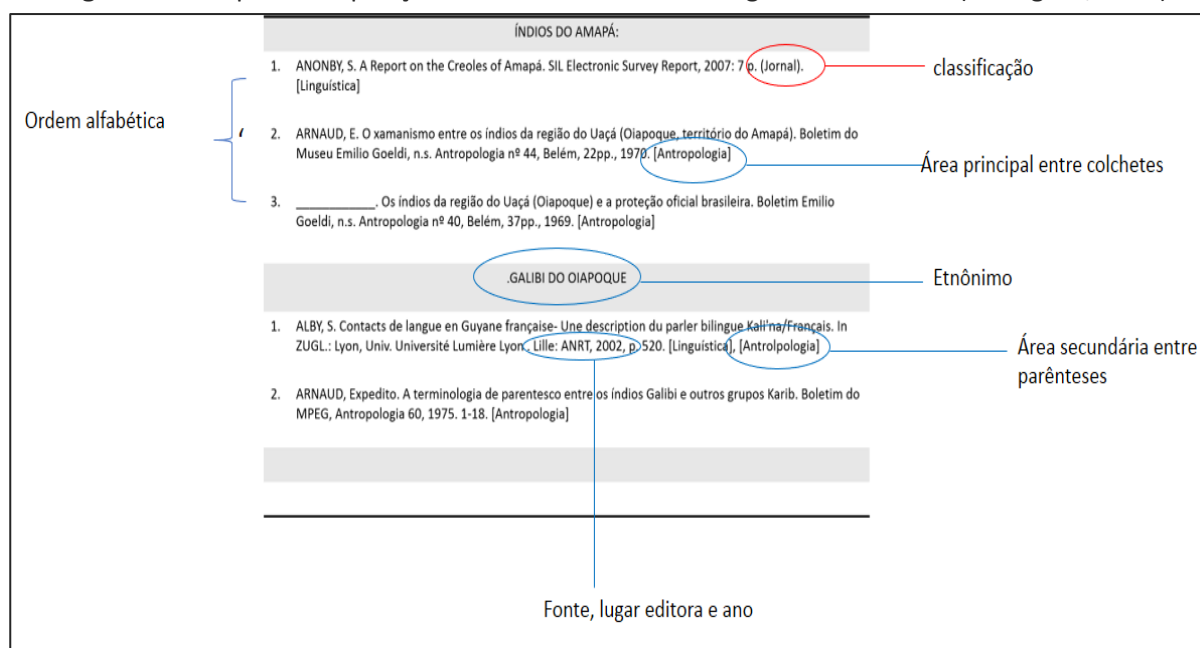
Na imagem anterior (imagem 1) está retratada a forma como os dados foram dispostos na tabela de origem. A opção por esses itens de categorização se deu tão somente para a facilitada organização dessas informações no respectivo catálogo de fontes. Posteriormente, pode-se usar esses itens também para a elaboração de um banco de dados digitais e público que ajudará na filtragem de referenciais de pesquisa.



O catálogo de Rodrigues (2017a), que está em processo de ampliação, apresenta uma estrutura de exposição baseada nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para referências. De forma adicional, apresenta ainda alguns itens, tal como na tabela, como organizadores e identificadores das mesmas. No catálogo elaborado por Rodrigues (2017a) esses itens são melhor explicados dentro da subseção denominada “concepção da obra”. O catálogo das fontes de estudo e pesquisa de línguas indígenas do Amapá permite, assim, consultar as referências por nome do autor e da obra em ordem alfabética, bem como por meio dos etnônimos das populações da região.

Existem importantes informações que serão consideradas na catalogação das produções. Elas foram anteriormente mencionadas e, também, estão expostas na imagem 1. Ainda assim, consideramos necessário rememorar quais são essas informações, entre elas: a) classificação: usada para descrever o tipo do documento, b) Fonte do documento, c) Formato do documento, d) Editora, e) Área de concentração, que está classificada internamente entre “área principal”, “área secundária”, ou como “área não identificada”.

Imagem 2: Exemplo de disposição das referências no catálogo de referências (Rodrigues, 2017).



A imagem 2 evidencia o *layout* adotado à época por Rodrigues (2017a) para a catalogação efetuada das fontes de estudo e pesquisa das línguas indígenas do Amapá. No entanto, esta apresentação adotada pelo autor é uma dentre outras possibilidades que dispomos. Deseja-se apresentar o máximo de informações a respeito das obras levantadas, por isso, poderão ser utilizadas e incluídas novos itens na apresentação das referências, bem como nas formas alternativas de disposição do conteúdo.





6. Considerações finais

O levantamento das referências, ou melhor, fontes de estudo e pesquisa é um importante procedimento e que antecede a realização, propriamente dita, de qualquer pesquisa científica, independentemente de sua natureza, objetivo e procedimento. Essa etapa possibilita aos pesquisador verificar o que se tem produzido sobre o fenômeno que se deseja investigar.

Em nossa própria trajetória de pesquisa, percebemos que apesar de existirem muitas produções sobre os fenômenos linguísticos das populações indígenas do Amapá estes materiais não são de facilitada localização, pois estão dispersos e circulam em um restrito grupo de intelectuais que se dedicam a estudar essas comunidades, inviabilizando ao pesquisador iniciante ou de outras áreas limitações às suas pesquisas. Aliás, credita-se, obviamente, a esse mesmo grupo de intelectuais indigenistas a realização da maioria dessas produções.

Por sua vez, ao efetuarmos esse levantamento e utilizarmos os procedimentos de organização e apresentação que elencamos, tentamos proporcionar o acesso a outras fontes para se estudar os fenômenos linguísticos dos povos indígenas que estão no Amapá, e assim, enriquecer o campo de análise e perspectivas sobre esses mesmos fenômenos, bem como demonstramos que é possível usar procedimentos similares para a construção de inventários e catálogos sobre temas diversos que estejam dispersos ou de difícil acesso a fim de apontar “alternativas” de pesquisa.

Além disso, posteriormente, é possível que os materiais agrupados sejam disponibilizados em uma plataforma *online* a fim de tornar facilitado o acesso a essas fontes de estudo e pesquisa. Outrossim, outros pesquisadores poderão sugerir produções não elencadas no acervo digital por nós disponibilizado, a fim de expandir esses referenciais.

Por sua vez, compreende-se que esse trabalho de catalogação não é e nem pode ser completo e inalterável e, por essa razão, encontra-se em constante construção. No entanto, em sua primeira fase, esse estudo fica circunscrito a 100 produções. Esse quantitativo nos aponta que há um número expressivo de produções que contribuem para estudos no campo da Linguística.

Por fim, embora este construto apresente algumas inconsistências de ordem interna, é um material que apresenta utilidade e relevância para os estudos das línguas indígenas e para os pesquisadores iniciantes que se propõe a estudar os fenômenos linguísticos das populações indígenas da fronteira do Amapá.

Referências

GALLOIS, D. T.; GRUPIONI, D. F. *Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* São Paulo: Iepé, 2003.

GAMBOA, S. A. S. Pesquisa Qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. *Contrapontos*, Vol. 3, n. 3, p. 393-405, 2003.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*. Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.





Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>> Acesso em 15.Abr. 2018.

NIMUENDAJÚ, C. *Die Palikur indianer und ihre nachbarne*. Goetborg, Fjard Foeljden, 31(2), 1926.

PIZZANI, L; SILVA, R.C; BELLO, S; HAYASHI, M. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Campinas, v.10, n.1, p.53-66, 2012. Disponível em: < www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php> Acesso em 06.jun.17.

RODRIGUES, U. U. C. *Fontes de Pesquisa e Estudo de Línguas Indígenas do Amapá: produção do último século*. Relatório de Pesquisa. Universidade do Estado do Amapá, 2017a.

RODRIGUES, U. U. C. As mulheres indígenas do Uaçá: espaços de protagonismo e poder feminino indígena. In: CASTRO, E. M. R. et alli. *Anais do II Seminário Internacional América Latina: política e conflitos contemporâneos*. Belém: NAEA, p. 4981-4995, 2017b.

RODRIGUES, U. U. C. Educação Escolar Indígena, construção democrática para os Galibi-Marworno?. *Anais: Internacionalização e Políticas de Avaliação da Pós-Graduação em Educação / XIII Seminário Nacional de Políticas Educacionais e Currículo, II Seminário Internacional de Políticas Públicas Educacionais, Cultura e Formação de Professores*, v.1, p.770-777, 2017c.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

